

Uma aventura em Cinemascope na terra do 1,33333333333333...

por Alfredo Manevy e Maurício Hirata F.

Entrevista com Cao Hamburger

Sinopse – Um país sem indústria não tem oferta de roteiros, é preciso sempre contratar os roteiristas mais conhecidos. Você teve dificuldades para fazer um filme de gênero de aventura infanto-juvenil no Brasil?

Cao – O maior problema do filme é sua complexidade. Um filme de 3.500.000 de dólares, nos EUA custaria 30.000.000 de dólares. Canários gigantesco, a maquiagem demoradíssima, efeitos especiais, exigindo uma equipe muito grande e dedicada. Some-se a isso o fato de ter sido o meu primeiro longa-metragem (Cao já realizou diversos curtas como *A Garota das Telas* e *Frankestein Punk*). E o fato de ser um filme caro para os padrões brasileiros. Fizemos um filme com a mesma falta de recursos da maioria dos filmes brasileiros.

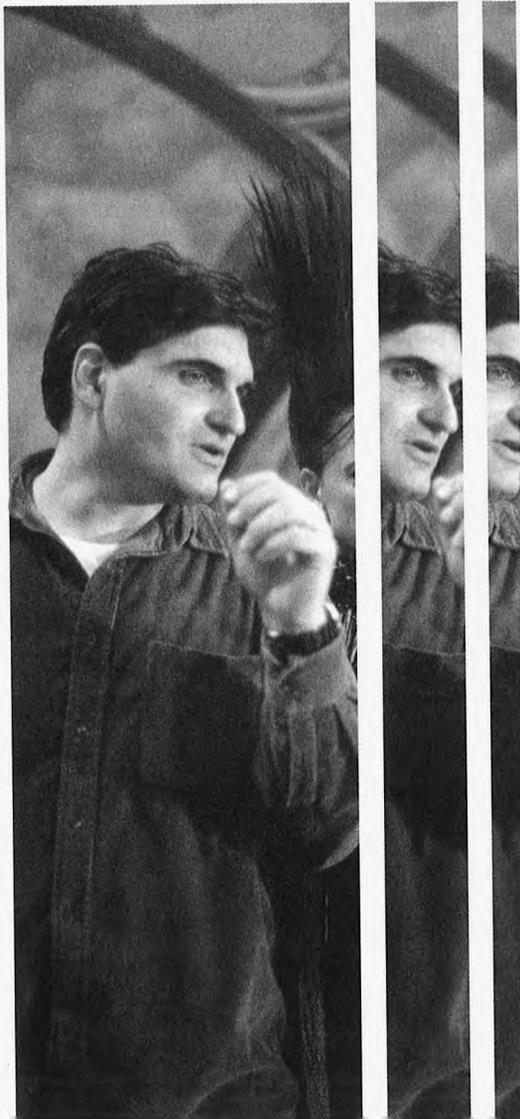
S – O trabalho de direção de *Castelo Rá-tim-bum*, no entrosamento entre direção de arte e enquadramentos, cria uma atmosfera gótica de estranhamento, que tem a ver com o fato de Nino se sentir um estranho. É uma opção que me lembrou *Família Adams* e filmes de Tim Burton, que tratam sempre de seres desajustados no mundo. A direção não nos pareceu virtuosismo. Por outro lado,

sentimos que a direção alcança mais o seus objetivos que o roteiro, um pouco burocrático e anticlimático...

Cao – Interessante... não tinha pensado nisso. Confesso que ainda estou muito dentro do processo, com pouco distanciamento. Mas pode ser, é uma crítica que vou levar em consideração.

S – Como funcionaram a distribuição e o enfrentamento dos pacotes estrangeiros?

Cao – Demos um certo azar. A concorrência foi muito dura. É difícil ter a mesma força que o cinema americano. O filme agora está perto dos 650.000 espectadores. A gente sofreu o ataque da concorrência. O mercado de cinema brasileiro é muito pequeno. Nós vamos fazer uma parceria com as escolas, para colocar mais de 300.000 alunos em contato com o filme, mas dentro de um projeto pedagógico de que as escolas gostaram. O programa de TV tinha na média, no segundo ano, 18.000.000 de espectadores. Quatro e cinco filmes infantis lutam por um mercado que já está pequeno. Eu sabia que o mercado era pequeno, mas eu não tinha sentido isso na pele. As salas multiplex podem aumentar esse mercado, mas a exibição está diminuindo. Fui a Ubatuba ver um cinema da minha infância e ele tinha se tornado uma igreja.



S – Fomos assistir ao filme no Eldorado, semana passada, e não conseguimos entrar. A sessão lotou meia-hora antes. Quem não entrou teve de assistir a estréia do filme *A Lenda do Cavaleiro sem Cabeça*, que mesmo com os espectadores do *Castelo* não conseguiu encher a sala. Havia ainda um casal de adultos, sem crianças.

Cao – Que bacana.... mas já recebi a notícia de que o Eldorado vai deixar o filme só nos fins de semana. Tirar o filme de segunda a sexta é normal, agora que as crianças voltaram às aulas. Agora, o Eldorado vai deixar o filme em uma só sessão, a das 14 horas. E o Eldorado está lotando direto desde a estréia.

S – Acabamos assistindo no Alvorada, na Paulista....

Cao – O quê??? No Alvorada? Acabou a entrevista (risos). Não, vocês vão assistir de novo esse filme (Risos. Sabe-se que o Alvorada tem o pior som da cidade. Cao sai da sala e volta com dois ingressos para uma nova sessão de *Rá-tim-bum*).

S – O filme que o substituí é *O Colecionador de Ossos*, que já é um filme requentado.

Cao – A Columbia está empenhada, mas não sei onde estão as restrições, não compreendo o que acontece. É meu primeiro longa, não tenho experiência com essas coisas.

S – Você apostou no público mais disputado do cinema mundial, o infanto-juvenil. É onde está o dinheiro.

Cao – É verdade...

S – Como foi o marketing?



Cao – Tudo o que os outros filmes fazem, só que em menor escala, pois tivemos menos recursos. Anúncio na televisão. Nas cidades que a gente não fez publicidade na TV foi sensível a diferença de público, bastante inferior.

S – Você fez alguma *sneak-preview*?

Cao – Fiz algumas sessões. Foi bom ter feito, pois mostrou que eu estava na direção certa. Uma das críticas que eu mais gostei foi a do Luiz Carlos Merten, que vê no filme um elemento autoral. Mas isso não basta. Para mim, atingir o público, comunicar, emocionar faz parte do que eu penso como autoria. Eu adoro Glauber Rocha, mas acho que uma cinematografia não se faz só de Godards.

S – Qual a importância dos gêneros para uma cinematografia?

Cao – Pegue o exemplo do Sergio Leone. Ele trabalhou com os gêneros, com uma visão muito mais crítica da sociedade americana do que o próprio cinema americano. É o que falta um pouco à cultura americana, que se fecha mais em si mesma, com exceção de um Scorsese.

S – Como você conseguiu o acabamento técnico de *Castelo*?

Cao – Foi difícil trabalhar com a música orquestrada originalmente para o filme. O trabalho de som foi muito novo para a equipe, pra mim, pro Micheal (Ruman), porque a gente não tem indústria. Nós não temos indústria, logo não temos essa tradição. Fica difícil fazer. Compensamos isso com uma pesquisa. O que foi triste é perceber que os sons dos cinemas estão

desregulados. Como 90% dos filmes exibidos são americanos, de outra língua, a exibição do *Castelo* encontrou cinemas com o som desregulado, o que prejudicou o filme, pois só se descobria dias depois, como um caso de um dos cinemas mais luxuosos de São Paulo, um cinema com som DTS. O filme possui os três sistemas Dolby Digital, Dolby SR, DTS. A gente reclamou do som do cinema e os exibidores diziam que o problema estava no filme. Levamos o técnico e ele disse que estava tudo bem no equipamento, mas o som continuava ruim. Levei outro técnico e ele acabou descobrindo que a caixa central estava estourada, a caixa dos diálogos. É uma situação confortável para os exibidores, pois ninguém reclama.

S – Como foi o trabalho de mixagem?

Cao – A finalização de som foi muito bem cuidada. Os técnicos americanos que viram a mixagem (de José Luiz Sasso) ficaram impressionados com a qualidade e jeito de mixar que era diferente do jeito americano.

S – Por que a escolha do cinemascope?

Cao – É um formato muito bonito. Num primeiro momento, fiquei com medo de me adaptar como diretor. Mas o Marcelo Durst já tinha trabalhado e me disse que no dia seguinte eu já teria esquecido que era cinemascope. Toda a decupagem que eu fiz foi modificada pelo Scope. Como é um filme muito visual, que pede o Scope, a grandiosidade do cenário justifica o Cinemascope. Toda a TV, a mídia está caminhando para o formato *widescreen*. A gente fez as contas e percebeu que não é uma coisa muito mais cara. Vai ser difícil voltar pro 1,66 (risos). O único problema é que eu só vejo o filme

mesmo na cópia final; na primeira cópia é um certo suspense, fruto dessa escolha pelo Cinemascope.



S – Onde foram feitos os efeitos especiais?

Cao – No Brasil, existem ótimos profissionais de efeitos especiais, mas que trabalham em publicidade para TV, para tela pequena, em baixa resolução. Um filme possui alta resolução. São diferenças que obrigam plataformas, computadores diferentes. Para alta resolução, há algumas pessoas tentando no Brasil, mas nós preferimos optar por um país que tivesse tradição, no caso a França.

S – O filme ficou muito mais escuro que o programa de TV...

Cao – Algumas cópias do filme ficaram muito mais escuras do que o planejado. Na verdade, mais contrastadas. Mas há um objetivo em escurecer o filme, pois a idéia foi fazer diferente da TV, pensar a linguagem cinematográfica como algo mais específico. A idéia foi tentar criar uma proposta nova a partir do programa da TV, só assim eu me animei a fazer o filme...

S – A referência à torre no filme, que os vilões querem trazer para o Brasil, tem algo a ver com a Torre Indiana aberrante que o prefeito Celso Pitta e a Brasilinvest querem trazer para São Paulo?

Cao – Foi uma enorme coincidência. O primeiro que descobriu foi o Pascoal que faz o Abobrinha ele veio no segundo dia de filmagem com um artigo de jornal, com aquela monstruosidade, aquela pirâmide... Daí veio a idéia de colocar o jornal na mão do atendente do hotel em que chega a Marieta Severo.

S – Você já tem um novo projeto?

Cao – Eu tenho um projeto de fazer um filme com os produtores dos Teletubies. Eles me convidaram para desenvolver um projeto de um longa-metragem “para toda a família”. Vou desenvolver o roteiro esse ano, para filmar ano que vem. Meu objetivo foi sempre fazer longa-metragem. Pela dificuldade, fui fazer televisão e outros formatos. Mas a experiência de *Castelo* me fez perceber que o longa é mesmo meu objetivo, o que eu mais gosto de fazer.